

Viagem

Diário de Notícias, suplemento DNA

13 Dezembro 1997

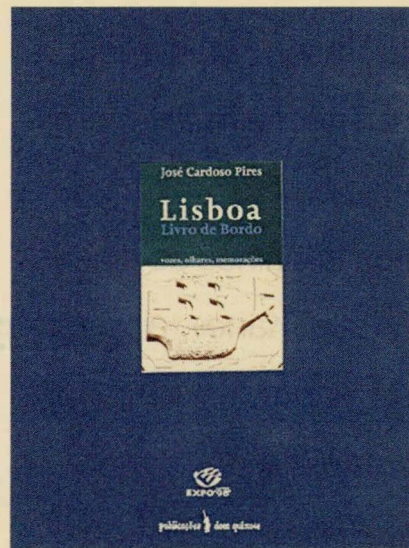
Quando o mar é a cidade

Navegar é preciso. Até nas cidades. Nascido em Arroios, José Cardoso Pires conhece este mar como ninguém. No deambular pelas ruas — e pelas memorações — vai tomando notas para «Lisboa» no seu livro de bordo. Tudo parte do Tejo e acaba à beira-Tejo entre gaiotas e um café de nome ridículo. A cada visitante a sua Lisboa. Esta pertence a um universo muito pessoal mas fica feito o convite à viagem.

TEXTO DE JOSÉ VAZ PEREIRA

Virar as costas à Lisboa que tem pressa de ser Europa. Nem que seja por 48 horas. E olhar para a outra que teve tempo de fazer ondas, pássaros, flores e símbolos nas calçadas. E que arranjou pinturas para as estações do metro, sempre solitárias mesmo quando estão carregadas de gente. Confesso que, na minha cabeça, a Lisboa apressada e a Lisboa contemplativa se confundem, por vezes com gran-

de alarido. Mas há quem conserve a serenidade do olhar. Por isso sabe bem percorrer esta Lisboa em que é José Cardoso Pires a escrever o livro de bordo. E a evocar outras vozes: César Verde, Almada, Fernando Pessoa, Alexandre O'Neill entre outros. Ou Antonio Tabucchi. E, para lá das imagens de Lisboa-cidade, as de Carlos Botelho, Vieira da Silva, Júlio Pomar. Mas também os cruzamentos, as etiquetas, os locais, algumas colinas, os eléctricos, a miscigenação das arquitecturas, o que era



dantes o Rossio, «outrora... uma praça de tertúlias das letras e da política» e hoje «percorrido por sonâmbulos retomados das colónias africanas.»

Da baixa que parece hoje singularmente «out of fashion», José Cardoso Pires faz uma reexploração sentimental, correndo os seus quatro cantinhos, desde o Chiado, ferida aberta, até aos bares históricos do Cais do Sodré. Haverá depois tempo para um salto ao Procópio que não se pode ignorar por ter, toque de humor, um chafariz na praçazinha por onde se entra para a sua decoração fim-do-século e

ambiente consensual. Mas subir o Chiado... é curioso que se pronuncie ou se ouça muito menos vezes a expressão «descer o Chiado.» Perversamente alguns jornais registam o número de pessoas que passam para lá, a determinadas horas e declaram que aquilo está morto quando o Chiado actual lembra mais um convalescente que tarda a recuperar. Subí-lo era uma experiência. Acima, o Bairro Alto, nunca destronado pela 24 de Julho ou pelas docas, irredutível hoje na sua efervescência, tinha outra alma e outro ritmo. Moravam quase lá todos os jornais. Uns mudaram-se, outros morreram para sempre. Ficaram as folhas da bola, cada vez com mais leitores.

«Subir o Chiado.» Escreve Cardoso Pires: «Quando nesse tempo alguém dizia isso era como se anunciasse o privilégio do século. Ópera no São Carlos, ceias no Tavares Rico, o Grémio Literário com cavalheiros na varanda para o Tejo à espera dos paquetes da Mala Real e dos jornais da Inglaterra, senhores, tanto viver era realmente subir». Muitas vezes subia connosco uma maneira de intervir, de colaborar numa nova folha, num novo suplemento cultural, numa nova publicação que sacudisse o mar estagnado e fizesse ondas. Iasse matutando do Rossio ao Bairro Alto, passando pelo inevitável Chiado, para muitas vezes falar com o próprio J.C.P., sempre a liderar essas iniciativas e que gostava de pensar e lançar os projectos para depois deixá-los seguir o seu curso e voltar a escrever. Em tal «décor», interroga-se o autor, faltaria alguma coisa? «Faltava, faltava sempre. A cada notícia, a cada encontro, havia uma ideia a contestar para logo outra nascer. Realismos, futurismos, surrealismos e todas as muitas rimas que as artes iriam lançar passaram, umas atrás das outras, pelos retiros do Chiado» (pág. 70).

Rua do Arsenal, Cais do Sodré, com a sua vitalidade ou a sua resistência, como quiserem, parecem marcar um destino. Cumprido ou incumprido, o ar está cheio de vulnerabilidades, melancolias, saudade de partir e de uma presença forte das velhas e sempre novas coisas do mar que tanto fascinavam Álvaro de Campos. Os cineastas foram atraídos pelo lugar e foi das suas ruas e lojas confusas e tumultuosas que saltou, inesperadamente, a designação de Cidade Branca. O livro marinho não podia deixar de registar os seus bares históricos, o British, onde é possível a ginjer beer e já tem «meninas de civilização» tal como as superlolas que invadem os centros comerciais em voga e o Americano, com evocações de grandes paquetes e grandes viagens e onde Fernando Pessoa vinha juntar-se à tribo dura dos que bebiam de manhã. «Lisboa, Livro de Bordo» é inseparável dos que, pelo desenho, pela pintura, pela arquitectura, pelo mural, pela fotografia, pela prosa e pela poesia, viram a cidade. Percorrê-la é também descobrir os seus passos, as suas memórias, às vezes as suas ilhas — como a Vila Berta — no meio da metrópole a que agora chamam Grande. É mais da pequena Lisboa que aqui se trata mas, no seu jeito, como ela pode também ser grande. Esta obra de José Cardoso Pires foi publicada simultaneamente pela Carl Hanser Verlag, na Alemanha, pelas Editions Gallimard, em França, pela Alianza Editorial, na Espanha e pela Feltrinelli Editore, em Itália. Com o seu olhar, enriquece o património do muito que já se escreveu — e ainda se irá escrever — sobre Lisboa. ■

José Cardoso Pires, «Lisboa, Livro de Bordo», Expo'98/D. Quixote, 125 págs, 1997

Escreve Cardoso Pires:

«Quando nesse tempo alguém dizia isso era como se anunciasse o privilégio do século. Ópera no São Carlos, ceias no Tavares Rico, o Grémio Literário com cavalheiros na varanda para o Tejo à espera dos paquetes da Mala Real e dos jornais da Inglaterra, senhores, tanto viver era realmente subir».